



APOIO



Sicredi

JOSÉ CORSINO E ETELVINA GOMES CORSINO

Pioneiros eternizados na história de Tangará

“As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão.

Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

(Memória, de Carlos Drummond de Andrade)

FABÍOLA TORMES / Redação DS

A ocupação da região onde está inserido o Município de Tangará da Serra, segundo o doutor em História e Mestre em Geografia (UFMT), Marcos Amaral Mendes, foi um desdobramento da Marcha para o Oeste, política de interiorização do Governo Vargas durante o Estado Novo, e dos incentivos concedidos pelo Governo de Mato Grosso, a partir da segunda metade da década de 1940, para a ocupação do Estado.

Para isso, na década de 1950 o Vale do Sepotuba foi percorrido por agrimensores do Departamento de Terras e Colonização para demarcar glebas pertencentes a adquirentes de tí-

tulos provisórios de terras, sendo então a colonização da área feita através de propagandas. Já em 1960, Joaquim Oléas e Wanderley Martinez fundaram a Sociedade Imobiliária Tupã para a Agricultura (SITA), empresa responsável pela colonização de Tangará da Serra a partir do loteamento das glebas Santa Fé, Esmeralda e Juntinho.

Foi nesta época que o mineiro, José Corsino, foi ‘apresentado’ para Tangará da Serra, cidade em que a família se formou, cresceu e eternizou sua história, como pioneiros e desbravadores – em outubro de 2019 completa 57 anos da chegada da família Corsino a Tangará da Serra.

Nascido em 18 de junho de 1909, em Ubá, Minas Gerais, José Corsino foi casado com Etelvina Gomes Corsino, que nasceu em 18 de agosto de 1914 em Santo Antônio de Pádua, no Rio de Janeiro.

Eles se casaram em 31 de julho de 1935, em Mimoso

do Sul, no Espírito Santo, cidade onde nasceram os dois primeiros filhos do casal: Moisés Corsino (nasceu em 28 de julho de 1936. Atualmente reside em Nova Brasilândia-RO) e Nair Corsino de Jesus (nasceu em 27 de agosto de 1938. Atualmente reside em São João da Boa Vista-SP).

Já no Paraná, a família cresceu. Em 23 de abril de 1944, em Iporã, nasceu Talita Corsino; em 31 de maio de 1946, em Jataizinho, chega Samuel Corsino; e, em 13 de novembro de 1948, também em Jataizinho, nasce o caçula, Silas Corsino. Atualmente, Talita reside em Bauru-SP e Silas em Curitiba-PR. Já Samuel Corsino faleceu em 25 de setembro de 1992, em Tangará da Serra.

José Corsino faleceu em 25 de setembro de 1986 e Etelvina em 17 de fevereiro de 2002, ambos em Tangará da Serra, onde permanecem até hoje. Seus restos mortais descansam no Cemitério Jardim da Paz.



Etelvina e José Corsino, em 1979

JOSÉ CORSINO

Homem de garra com espírito desbravador

Em 1940, com dois filhos (Moisés e Nair), e a esposa Etelvina Corsino, saíram de Mimoso do Sul, no Espírito Santo, com destino ao Norte do Paraná (Londrina), em uma



José Corsino

longa e penosa viagem de trem até chegarem ao seu destino. Nesse local iniciaram a sua primeira luta em busca de uma pequena área de terra para dar segu-

rança a sua família. Em 1954, José Corsino empreendeu uma nova viagem com sua família, agora com cinco filhos (além de Moisés e Nair, Talita, Samuel e Silas, nascidos no Paraná), para o Noroeste do Estado do Paraná, mais precisamente para o município de Mirador, próximo a Paranavaí. Lá permaneceram por oito anos, até se mudarem para Mato Grosso.

Essa mudança começou a ser vislumbrada em 1960, quando o patriarca foi procurado por um corretor de terras,

contando sobre Mato Grosso e de um local que passaria a se chamar Tangará da Serra, a dois mil quilômetros de distância de Mirador. “Depois de muita insistência, meu pai embarcou nessa aventura – uma penosa viagem de mais de 15 dias em um Jeep DKV”, relata Silas Corsino, ao afirmar que chegando aqui, seu pai nada encontrou, a não ser campos e matas. “Ele não gostou do lugar nem das terras e após voltar afirmou que não compraria nada naquele lugar”.

Porém, após conversar com a família, o irmão mais velho – Moisés Corsino – e o cunhado Valdir de Jesus decidiram fazer a mesma viagem em 1961, com o mesmo corretor para conhecer o local onde seria essa nova cidade. “Voltaram decididos a comprar uma pequena propriedade”, recorda Silas, ao afirmar que o pai, após conversar com a família, tomou a decisão de juntos adquirirem uma propriedade maior e enfrentar as lutas que havia de advir.

“Decisão tomada, compra efetuada, vendemos nossas propriedades e em 24 de setembro de 1962 empreenduse a última aventura rumo a Tangará da Serra onde chegamos em 2 de outubro de 1962”.

A viagem e chegada em Tangará da Serra

Para fazer a viagem de dois mil quilômetros, em oito dias, de Mirador a Tangará da Serra, contrataram um caminhão Mercedes Benz, e em quatro famílias saíram em uma viagem chamada “Pau de Arara”. “Dormindo ao relento, cozinhando no improvisado, nos banhando em águas correntes, sujeitos a chuva e sol, viajando em estrada poeirenta e todos os riscos possíveis que uma viagem desse tipo poderia oferecer”, rememora o caçula da família, Silas Corsino, que na oportunidade estava com quase 14 anos.

Segundo ele, o pior trecho da viagem foi a balsa para atravessar o Rio Paraguai, em Barra do Bugres. De lá até Tangará não havia estrada, e sim um caminho. “Foi o primeiro caminhão a superar a subida da Serra, trecho amedrontador! Não havia mais caminho, mas apenas dois trilhos no campo que marcava por onde seguir”.

“Chegamos, enfim, sem fogos”, brinca, ao lembrar que em toda a região só haviam 12 famílias, das quais cinco moravam na cidade: Jonas Lopes e família; Francisco Dantas e família; Joaquim Aderaldo e família; Antônio “Gato” e família e João “Bufinha” e família. Algumas das famílias que residiam no sítio eram: Arlindo Lopes e família, José “Japonês” e família, Sebastião de Oliveira e família (sogra do “Tonhão” e Darci) e João Cardoso e família.



Moisés Corsino, com seu caminhão, em 1962